

Letras e Artes

2.ª Secção

N.º 21

SUPLEMENTO DE "A MANHÃ"

Rio, Domingo, 10-11-1946

TENTO exprimir algo de trágico. Com força procuro fixar a impressão da morte sobre o meu ser, a revelação, a descoberta da morte na minha natureza, no meu mundo. Tento revelar a ilusão que é a vida, neste universo presidido pela morte. E em lugar do trágico — que é a essência, a alma, a vida da morte — destilo apenas tristeza. No entanto já não mais quero tristeza!

Sinto que fui triste demais no longo do meu tempo. Tudo o que produzi — versos, artigos, histórias sobre mim mesmo, tudo está tão molhado de tristeza como os jardins do orvalho da aurora. Não me foi possível jamais olhar as coisas, e dizer como as olhava sem que viesse logo pousar sobre seres, objetos, visões, imagens, esta tristeza que sou eu, que se desprende de mim, que procura, e o consegue, envolver todos os meus movimentos, que me assalta nas estradas por onde vou caminhando, por onde vou à procura da vida, da aventura, do sonho. Não quero mais tristeza no entanto, quero apenas exprimir, nem que seja numa só frase, num só verso o trágico.

O trágico ninguém destila, não envolve ninguém, não acompanha, não assalta, não é sombra de ninguém e ninguém o pode usar para temperar o seu mundo interior e os objetos, as coisas visíveis da

Este suplemento não pode ser vendido separadamente



SENHORA DE ELCHE' — (Busto em calcáreo, com traços de pintura, encontrado em Elché, próximo de Alicante, na Espanha, provavelmente no V.º ou no começo do IV.º século antes de Cristo)

Do triste e do trágico

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Especial para "Letras e Artes"

ferra, do contingente. A tristeza está em todas as almas, nas menores almas, nas mais lúcidas, nas mais claras, nas menos dotadas — mas o trágico, o sentimento, o sentido do trágico é raro e só se encontra nos seres que compreendem o "espírito da realidade". É que a tristeza é subjetiva, está no homem, vem do homem, tem a sua origem, o seu princípio e a sua fonte no homem. A tristeza é o próprio do homem, nasce das descobertas, das decepções, dos anseios, das despedidas, das agonias, da consciência do efêmero que se instala no homem. A tristeza é uma composição de muitos sentimentos,

é um tecido, é uma sensação, uma nevoa, uma bruma — o trágico não!

O trágico não emerge do homem. Está solitário nas próprias coisas solitárias. O trágico é ditado, é soprado, vem de fora do homem e nele penetra como um raio, ou não penetra jamais. O trágico está nas coisas; em si mesmo nas coisas e não em relação a sentimentos, a emoções humanas. O trágico não é triste, como não é triste a morte. A morte é triste para os que a contemplam, com o olhar surpreso, boiando na incompreensão; para os que conjugam a morte com a vida, para os que medem a morte com as medidas da vida.

Quem poderá dizer de Shakespeare que é triste, se em verdade é ainda mais alegre do que triste? Será triste às vezes, mas raramente — por que é trágico: nele palpita a tragédia, quer dizer a nudez, o irremediável da tragédia. Em Shakespeare a tragédia é a luz do mundo. O que existe é trágico, porque é solitário, abandonado, sem proteção, vivendo sobre si mesmo. As coisas existem e sofrem e gritam e se calam sufocadas ou exaustas e não é preciso, para realizar-lhes a densidade e o fogo a colaboração do sentimento, as lágrimas, os suspiros, as efusões que são sempre apelos ao esquecimento e ao consolo.

O trágico sabe que é inconsolável e por isso não se volta para o destino se não virilmente, de olhos nos olhos do destino.

(Do "Galo Branco")

no mundo das letras

"NÃO ANDE MAIS COM AQUELES RAPAZES..."

Num artigo publicado no "Dia" e reproduzido na "Revista do Brasil", de novembro de 1921, Ribeiro Couto contava que o escritor Affonso Schmidt passou deliciosas férias em Lisboa e em Madrid. "Em Paris morou com anarquistas russos de olhar brando e maneiras sonhadoras, bebendo com eles o chá reconfortante do samovar característico, em quintos andares da Rive Gauche e com eles enscherdo a cabeça de ideais dinâmicos. E' curiosa esta passagem da sua existência em Paris: estava ele uma tarde, num banco de jardim, pensando coisas sentimentais, quando se aproximou um homem pesado, severo, que lhe pôs a mão no ombro, delicadamente:

— Olhe, não ande mais com aqueles rapazes.

O anarquista de dezesseis anos tremeu.

O homem continuou:

— Já tenho observado que o senhor é um moço ingênuo. Não se meta mais com eles.

Schmidt negou peremptoriamente, mas no fundo se sentiu glorioso com ser objeto da vigilância da policia de Paris.

UMA EDIÇÃO CLANDESTINA DE "INOCÊNCIA"

Em 1921, a Viscondessa de Taunay movia uma ação judiciária contra o editor José Joaquim de Azevedo por ter feito uma edição clandestina do romance "Inocência" e o juiz lhe dava ganho de causa, condenando o editor a indenizar os legítimos proprietários do romance com a quantia correspondente ao total pelo qual seriam vendidos os exemplares confiscados se pertencessem à edição legítima. A obra de Taunay só cairá no domínio público em 1956.

UM DOCUMENTO PSICOLÓGICO E HUMANO

Uma obra de indiscutível originalidade é essa que o prof. J. Espinola Veiga acaba de publicar sob o título "A vida de quem não vê" (Memórias de um cego). O autor procura desfazer uma série de preconceitos e noções falsas relativas aos cegos, fazendo nesse terreno as mais curiosas e expressivas revelações. Um livro da mais alta significação psicológica e humana. Não havendo o menor exagero nas palavras de louvor do escritor Aires da Mata Machado Filho, no prefácio. Ed. da Livraria J. Olympio, na coleção "O Romance da Vida".

ULTIMOS CARTAZES

A coleção "Documentos Brasileiros", da Livraria José Olympio temos "O Negro na Baía", ensaio sociológico de Luiz

Viana Filho, o autor da "Sabinada" e uma das grandes figuras da moderna intelectualidade baiana. O livro estriba-se em documentos novos e valiosíssimos sobre o assunto.

Digno de especial menção é o aparecimento de livro de Harold Laski "Fé, Razão, Civilização", traduzido por Vivaldo e Guido Coaracy, em edição José Olympio. E um dos capítulos mais interessantes da obra será, sem dúvida, aquele no qual o autor faz uma crítica severa da atitude isolacionista de grandes escritores ingleses, como Joyce, Eliot, Aldeus Huxley.

"Onde o Céu começa" é o novo romance de Maria Luiza Cordeiro, editado pela Globo. Do livro se destaca a figura impressionante de Beatriz — magnífico perfil de mãe e esposa, sendo o enredo realmente envolvente.

Outro livro de Harold Laski, este publicado pela Cia. Editora Nacional: "Reflexões sobre a Revolução da nossa época", traduzido por Isa Silveira Leal e Enio Silveira. O autor sabe unir a erudição, o conhecimento teórico a um grande experiência prática dos assuntos. Nele o sociólogo e o político militante se completam.

Aparecerão dentro em pouco os romances "Dunas", de Breno Acioli e "As Alianças", de Ledo Ivo, em edição de "Agir".

"Historias de Campo Maior" é o título do próximo livro de contos de Francisco Pereira da Silva, jovem escritor recentemente classificado no concurso de contos deste suplemento.

Uma reedição digna de nota: a de "Figuras de Azulejo", de Pedro Calmon apresentada pela Editora "A Noite" — obra muito variada sobre homens e coisas do Brasil.

Outra reedição: a do já famoso livro de Itala Gomes Vaz de Carvalho sobre o seu pai, intitulado "Vida de Carlos Gomes", biografia do mais palpitante interesse. Lançamento da Editora "A Noite".

Meditações francesas

ROGER BASTIDE

(Especial para "Letras e Artes")

E' natural que após uma guerra que assistiu à derrocada de um exército e o reerguimento extraordinário de um povo, se inclinem os escritores sobre a França e meditem sobre seu destino.

Pode-se observar que muitos desses livros, escritos à margem dos acontecimentos e tentando penetrar-lhe a filosofia, são obra de escritores refugiados na América, talvez por ser necessário estar afastado do local dos acontecimentos. A distância geográfica compensa a proximidade do tempo. Tal é o caso do livro de Jules Romains — "Retrouver la Foi" — e o ensaio de Roger Caillois — "Sur L'Enjeu d'une Guerre". Na própria França, onde os acontecimentos foram vividos tão tragicamente, domina o romance documentário, feitas naturalmente algumas exceções como o livro de Thierry Maulnier do qual tanto se falou — em regra, mal —: defende o capitalismo ameaçado.

Queremos entretanto destacar desta produção de ensaios filosóficos, sobre o destino da França, a obra de Louis Lallement — "Essai Sur La Mission de la France" ("La Colombe"). Se a França tem realmente uma missão a defender no mundo, não egoistamente em seu benefício — o que não nos interessa — mas em benefício da comunidade dos povos, só poderemos descobrir esta missão refletindo na história de nossa pátria. E' o que fez o sr. Lallement que, além da

Galia, estudou as origens celtas de nossos antepassados. Trata-se pois de descobrir o sentido de nossa tradição; e, através de variações temporais, a constância de certo gênio. Ora, imediatamente se estabelece uma pergunta: há uma tradição francesa ou há duas? Pode-se descobrir um elemento comum à França de São Luiz e à de Voltaire, à França das Cruzadas e à da Revolução?

O sr. Lallement que é católico, demonstra que a França revolucionária continua a mesma dos construtores de catedrais, que uma mesma força animou sempre o país, e uma mesma flama queima os corações. Claro, nem tudo é puro, segundo o autor, nos acontecimentos ocorridos após 1789. E' que os argentários desviaram, em proveito de seus interesses particulares, o gênio missionário e universalista da França. Reconhece-se aí a inspiração de Péguy e é, efetivamente, com versos de Péguy que termina este livro de esperança:

"Deux mille ans de labour ont fait [de cette terre] Un réservoir sans fin pour les Ages [nouveaux..."]

Acabo de citar os versos de Péguy. Seja-me permitido citar agora os versos de outro grande poeta francês, o célebre fabulista La Fontaine:

"Gardez-vous, leur dit-il, de vendre l'héritage que vous en laissez vos parents: Un trésor est caché dedans".

Compreendem os franceses, atualmente, todo o sentido do conselho do lavrador francês a seus fi-

hos. Há um tesouro no solo sagrado de nossos antepassados. Descubri-lo, revelá-lo — tal a tarefa da literatura. Cabe a cada um trabalhar honestamente o canto de terra onde nasceu. Dai, a moda de livros regionalistas ou, pelo menos, de livros que decantam um pedaço da doce terra: "Provence" de Henri Bosco — um grande nome a reter — ou a "Savoie" de Leandre Vailat. E' preciso ler o último livro deste autor — "La Pastorale Savoyard" (Albin Michel) — livro perfumado, saboroso, a um tempo, agreste e musical. Em suas páginas, repletas de termos regionais, onde a história e a geografia se dão as mãos, um homem nos fala amorosamente de sua pequena pátria. Fala familiarmente conosco, sem enganar, isto é, sem falso regionalismo ou lirismo intempestivo. Conta-nos histórias agradáveis, evoca pessoas, costumes, dansas e cantos, animais e plantas. Depois toma de sua flauta rústica e toca uma música acre que sabe a campo, a murmúrio de regatos silvestres.

Já se encontra nas livrarias latino-americanas, o belo livro de Duhamel — "Civilização Francesa". E' de esperar cheguem livros do gênero que falei nesta crônica. Porque, amar a França, não é apenas amar os "cafés" de Paris, mas seguir-lhe a história gloriosa ou atormentada para compreender-lhe o sentido e também descobrir, enlevando a beleza musical de suas várias regiões.

UM POETA E A CRITICA EM 1870

ESTA carta do poeta Luiz Guimarães Junior a José de Alencar dá uma idéia expressiva do que eram as relações literárias no Brasil em 1870. Tratando-se de um documento interessantíssimo resolvemos oferecê-lo hoje aos leitores.

"Meu ilustre mestre e amigo. Não é só V. Excia., primeiro vulto da nossa literatura, que sofre o ataque brutal dos Cincinatos e dos Sempronios. Faltava á minha glória essa semelhança com V. Excia., e os "Noturnos", os pobres "Noturnos" estão quase a assumir para mim a posição de um purgatório literário. A grande imprensa disse lindíssimas coisas a respeito do meu livro, fez mais do que poderia desejar a minha infantil ambição de pai estreante. Os meus inimigos, porém, baixos e traidores, começam agora a sua impia obra de destruição; ainda ultimamente saíram artigos em jornais, de pouca circulação, é verdade, mas lidos, em que os "Noturnos" sofreram, como se diz — bordoadas de cego.

Sabe V. Excia., meu querido mestre, que entre nós a crítica torpe encontra mais êco do que o louvor justo e circumspecta análise. Eis o motivo por que um escritor novel como eu deve arreceiar-



Luiz Guimarães Filho

mo de enleio, dirigindo-me ainda uma vez à sua inesgotável bondade; mas (é forçoso dizê-lo) só a autoridade de V. Excia. poderá escudar o meu livro aos botes da selvageria. Já lhe devo muito, já lhe devo tudo e mais do que tudo; os "Noturnos", sem a introdução, talvez passassem despercebidos. Mas o que quer V. Excia.? Recorro com crescente segurança ao generoso espírito que de há muito admiro e venero, certo de que a urna de suas inspirações e de seu coração grandioso, mais de uma vez ainda perfumará a minha vida. Não se contraia, porém; havendo motivo para não aceder ao meu pedido, rogo-lhe que esqueça esta carta. Eu sempre serei o entusiasta admirador do primeiro nome das letras brasileiras, e quando me quero consolar das visagens horrendas que por vezes me acometem na sombra, lembro-me das figuras angelicas de Berta, de Cecy e de Alice — e consolo-me. Permita-me que me assinie com o maior respeito, etc".

Agora, uma pergunta da nossa parte: Quem teria hoje a coragem de escrever a algum confrade de letras uma carta igual a essa? Parece que, apesar de tudo, no que se refere à ética profissional a situação melhorou um pouco.

O TEMPO E A MAQUINA

ALDOUS HUXLEY

O tempo, tal como hoje o sentimos, é invenção muito recente. O sentido moderno do tempo é pouco anterior aos Estados Unidos — um sub-produto do industrialismo, análogo, no plano psicológico, aos perfumes sintéticos e às tintas de anilina. O tempo é nosso tirano. Temos uma consciência crônica do correr dos minutos e, ainda, do correr dos segundos. É inevitável. Há trens para tomar-se, relógios que registram a entrada no trabalho, tarefas que devemos executar a prazo fixo, recordes que temos de superar por frações de segundo, máquinas indicando a velocidade em que deve realizar-se o trabalho. Nossa consciência das mínimas unidades do tempo é hoje aguda. Para nós, o momento 8,17 significa sempre alguma coisa — e alguma coisa muito importante se, por acaso, é o momento da partida do nosso trem diário. Para nossos antepassados, um instante tão raro e singular não tinha sentido, não existia sequer. Ao inventar a locomotiva, Watt e Stephenson foram os in-

ventores do tempo. Outra entidade que acentua a importância do tempo é a fábrica e sua dependência, a oficina. As fábricas existem para confeccionar certa quantidade de produtos em determinado tempo. O artesão antigo trabalhava à vontade, e os clientes, em geral, tinham que aguardar, sem imposições, os produtos que lhe haviam encomendado. A fábrica foi uma invenção destinada a fazer com que os operários trabalhassem depressa. A máquina realiza tantas voltas por minuto, deve fazer tantos movimentos e produzir tantas peças por hora. Resultado: o operário da fábrica (e o mesmo se aplica, "mutatis mutandis", ao empregado da oficina) vê-se forçado a conhecer o tempo nas suas menores frações. Na época do trabalho manual não havia tal obrigação de levar-se em conta os minutos e os segundos.

Nossa consciência do tempo chegou a tal ponto que sofremos vivamente, sempre que nossas viagens nos levam a algum rincão do mundo, onde não se tem interesse nos minutos e nos segundos. A falta de pontualidade no Oriente, por exemplo, é atroz para os recém-chegados de um país com horas fixas e serviço regular de trens. Para um norte-americano ou um inglês moderno, esperar é uma tortura psicológica. O hindú vê decorrerem as horas vazias com resignação e até com satisfação. Não perdeu o segredo da arte sutil de não fazer nada. Nossa idéia do tempo como coleção de minutos que devem ser preenchidos por alguma ocupação ou entretenimento é toda alheia ao oriental, precisamente como foi alheia ao grego. Para o homem que vive num mundo pré-industrial, o tempo caminha em passo lento e folgado; não sofre

a preocupação do minuto, pela simples razão de que não o forçaram a ter consciência da existência dos minutos. O que nos leva a um aparente paradoxo. Vivamente penetrado das mais pequenas partículas que constituem o tempo — do tempo tal como o medem as engrenagens dos relógios, as chegadas dos trens e os movimentos das máquinas — o homem industrializado perdeu em grande parte o sentido do tempo em suas maiores divisões. O tempo que conhecemos é artificial, feito à máquina. Geralmente, quase não temos nenhuma consciência do tempo natural, cósmico, medido pelo sol e pela lua. Os homens pré-industrializados conhecem o tempo em seu ritmo de dias, meses e estações. Percebem o pôr do sol, o meio dia e o crepúsculo; a lua cheia e a nova; o equinócio e o solstício; a primavera e o verão, o outono e o inverno.

Tôdas as velhas religiões, inclusive a católica, têm insistido nesse ritmo de dias e estações. Ao homem pré-industrial nunca foi possível esquecer o magestoso movimento do tempo cósmico.

Mas o industrialismo e o urbanismo transformaram tudo isso. Podemos viver a trabalhar numa cidade sem darmos conta da passagem do sol pelo céu, sem nunca vermos a lua ou as estrelas. Broadway e Piccadilly são a nossa Via Látea, nossas constelações fulguram nos tubos de aço. Até as mudanças de estação afetam muito pouco o habitante de cidade, povoador de um universo artificial, rodeado em quase toda extensão de muros que o separam da natureza. Lá fora, o tempo é cósmico: caminha pela trajetória do sol e das estrelas. Aqui dentro, uma questão de rodas em movimento, e mede-se por segundos e minutos — em suma, em dias de oito horas e semanas de seis dias. Temos uma nova consciência, mas a adquirimos às expensas da antiga.

(Trad. de Brito Broca).

SÃO JERONIMO E OS TRADUTORES

QUEIXAM-se os críticos e comentaristas franceses — nos esparsos jornais literários que nos chegam do seu país com grande atraso — da febre de tradução que faz o mercúrio do termômetro hivesco da França subir escandalosamente. Voltam-se principalmente contra os romances ingleses e russos que os editores estão lançando uns atrás dos outros. A queixa deles, porém, não tem muita razão de ser. O que aconteceu na França é o resultado da guerra, o rescaldo que não foi removido totalmente. Durante a conflagração os romancistas não tiveram tempo de se dedicar à literatura de interesse da, mergulhados como estavam no combate — com a pena e com o corpo — ao inimigo instalado em sua casa. Não tendo plantado durante todo esse tempo é natural que a colheita seja agora bem fraca, pelo menos em quantidade. Daí a necessidade dos editores de procurar nos vizinhos alguns romances que, traduzidos, sirvam para seus patricios, pois que seria de um povo — saído da guerra — sem um romance para ler?

Acontece que os livros traduzidos não têm agrado muito os franceses. Principalmente o romance anglo-saxão revela que os editores fariam melhor negócio se reimprimissem Stendhal, Flaubert ou Gide em vez de buscar na ilha autores novos cujos livros talvez não mereçam ser traduzidos. Pois como salientou Philip Toynbee em artigo para *Denguin New Writing* não existe na Inglaterra nenhum romancista — cuja idade se aproxima da casa dos trinta — que seja pelo menos uma "raziosa esperança".

O fenômeno — como está se vendo — não era de nossa exclusividade, como muitos pensam, não somente aqui que estrangeiros insignificantes são traduzidos. Igualmente não é unicamente no Brasil que os tradutores são fraquinhos, embora a justiça mande que se diga que o nível deles melhorou muito, de uns tempos para cá.

Foi talvez pensando no assunto que Valéry Larbaud — que é um ótimo tradutor — escreveu "Sous l'invocation de Saint Jérôme" com o qual pretende ingenuamente mostrar aos tradu-

tores o respeito que devem ter às obras que traduzem e o conhecimento que precisam possuir do "métier". Para o autor de "Femina Marquez". São Jerônimo — autor da *Vulgata*, e a quem Leon Bloy apelidava de "appariteur de tous les prophètes, inventoriateur plein de gloire des lieux communs éternels" — é o protetor, o padrinho do tradutor. Não seria, então, o caso de se distribuir a muitos de nossos tradutores medelhinhos com a elígie desse santo milagroso?

NARCISO

Descambam seus, nascem luas e a preocupação do homem pelo seu corpo continua cada vez mais forte, convencendo-se ele — em cada hora que passa — de que é mesmo o filho da ninfa Lisiope e do rio Cesífo, debruçado à beira do lago, à procura de sua imagem. E para que sua vaidade seja satisfeita, incançáveis se tornam os sábios que a madrugada vem encontrar arcados sobre o microscópio, na observação da dança de microorganismo multifários, e inatigáveis os operários na fabricação de instrumentos e aparelhos que fotografam e extripam corpusculos das menores e mais escondidas células. Em aperteadíssimos laboratórios, animais são mortos para que do seu sacrifício possam surgir drogas poderosíssimas capazes de curar em horas o que outros remédios tentavam aliviar em meses. E assim, rodeado de sabedoria e remédios infalíveis, Narciso sai descançadamente do alcaide e olha a sua elegância refletida no espelho.

Narciso sabe que não morrerá assim tão facilmente, porque embora tenha medo da morte — essa "presença ausente" de que nos fala Landsberg — (é o caso de raciocinar como Prodicus e Epicuro: "Por que temer a morte? Enquanto existo, a morte não existe e quando a morte existe, já não existo...") certamente se esquecem dos poderes que trazem dentro do corpo, confiados no aparelhamento ci-

urgico e na penicilina ao alcance de qualquer bolsa.

Narciso pode confiantemente se acotovelar nas ruas, na penitenciária, nos cassinos. Porque é justamente isto o que ele deseja: ser um número no recenseamento, tanto virgula quanto por cento na estatística oficial. Só o estômago lhe doe de fome, isto não tem importância. Campeão de corridas com obstáculos ou andando com auxílio de muletas, o que Narciso quer é correr atrás da felicidade, mesmo que esta seja representada por uma mulher que o trata com indiferença e a quem ele ingenuamente reserva seu corpo e dedica sua alma

AINDA O EXISTENCIALISMO

A doutrina filosófica que Sartre redescobriu, árvore cujas raízes vêm desde o "Solista" de Platão, passando por Pascal (naquele célebre trecho comentado por Valéry) e que desabrochou vigorosamente com Kierkegaard e Heidegger já está começando a interessar o homem da rua aqui do Brasil. Um cronista cinematográfico já descobriu na graça dos irmãos Marx muita coisa do existencialismo e outro dia ouvi uma jovem chamar o amado de existencialista porque ele não queria fazer seus desejos... A teoria de Jean-Paul Sartre vai assim entrando para a jirfa popular, com um significado que ele nunca pensou viesse ela a adquirir: todo sujeito cacete, do contra é existencialista.

Como quase ninguém tem coragem de ler as 722 páginas compactas que constituem "L'Être et le Néant" para saber o que é realmente o existencialismo, a doutrina ganha várias interpretações, ao sabor do conhecimento de cada um. E o número dos seus adeptos vai aumentando, o que aliás é muito compreensível: num país em cujos habitantes não existe otimismo, uma doutrina que vê em tudo somente angústia, medo e absurdo, tende a se alastrar, mesmo que não seja compreendida, justamente por esse motivo.

Creio que o número de adeptos do existencialismo crescerá

muito depois que forem revelados alguns contos de Sartre que deixam Lawrence no chinelo, pois a queda que os brasileiros têm pela literatura que fez do sexo um dos seus pontos altos é muito grande. Tristão de Ataíde não confessou que o seu livro mais lido é o que tem a palavra sexo no título?

O existencialismo por aqui está deixando de ser uma filosofia (Armand Cuvillier já disse mesmo que ele é uma "maladie de la philosophie") para se tornar aquilo que pretende ser: um retrato da existência humana, retrato sem retoque, convém esclarecer.

A DANÇA DO OMBRO

Chega uma ocasião em que não há mais nada a fazer. O desânimo que nos invade é tanto que o melhor é tocar um tango argentino ou dar de ombros, pois como ensinou Mário de Andrade,

"Tu só conheces a dança do ventre.

A dança do ombro é muito melhor"

Mas mesmo a indiferença, como é difícil po-la em pratica quando não estamos habituados a usá-la.

LITERATURA DE GUERRA

Ainda não apareceu o Remarque desta última guerra, embora os livros escritos pelos que estiveram na refrega já tenham começado a surgir. Por enquanto temos notícia unicamente dos romances franceses: "Le Grandes Vacances", de Francis Ambrière, "L'Univers Concentrationnaire", de David Rousset, "La Vie des Morts", de Agnes Chabrier, "Un Homme est lié au Monde", de Roger Stéphane, "Le Sacrifice du Matin", de Guillaín de Bénouville, quase todos laureados com o Prêmio Renaudot, Prêmio Goncourt, Prêmio dos Críticos e outros prêmios que pululam pela França.

Enquanto que o romance de Agnes Chabrier se desenrola na Polónia, entre 1939 e 1944, os de Ambrière e Rousset têm como cenário os campos de concentração (o primeiro esteve internado em Kobjercyn e o outro em

Buchenwalde). Roger Stéphane e Guillaín de Bénouville, por sua vez, contam a sua experiência como "maquis", como soldados da Resistência.

A literatura de guerra tem pois uma nova feição: não se descrevem mais os horrores das trincheiras, dos bombardeios de hospitais, nem se ouve o sibilar de balas, soldados gritando na mesa de operações. O que se ouve agora é o gemido dos torturados, o que se vê é a sujeira das prisões, o sacrifício de imprimir e espalhar panfletos pela população ansiosa pela liberdade

Tudo porém que contam os romances já é mais ou menos conhecido do mundo, que se farto de ver nos jornais cinematográficos o resultado dos campos de concentração. O interessante é saber como os romancistas alemães viram a guerra que passou, qual a experiência que dela tiveram. Porque talvez entre eles esteja o novo Remarque.

MEMBRO DO JURI

Recebo a notícia da escolha de meu nome para integrar a comissão julgadora do Prêmio Fábio Prado sem alegria. Já tendo servido no concurso do ano passado, sei o que me espera: a leitura de um punhado de volumes sem o menor interesse, que os autores guardavam na gaveta sem coragem de publicá-los. E de outros já rejeitados pelos editores o que, aliás, não tem muita importância, pois o fato de uma obra ter sido rejeitada por editores não significa que ela não preste. Pelo contrário. Em todo caso é incrível como certos senhores têm a coragem de apresentar a um concurso que é dos mais importantes do país, originais e mesmo livros que não valem nem o papel em que foram escritos ou impressos.

A leitura das obras é sempre penosa e o julgamento raramente contentará a todos, pois sempre haverá a crítica dos que não tiveram a coragem de concorrer ao concurso e dos que, concorrendo, foram reprovados. A missão é antipática, mas confortadora quando — como se deu no ano passado — a gente dá o prêmio a um livro como o de Onilda Alvarenga. Apesar de tudo o que disseram, a consciência dos julgadores está tranquila e quando aquele livro aparecer todos darão razão aos julgadores. Oxalá este ano aconteça o mesmo.

RANGER DE DENTES

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

Artes Plásticas

UM TEMA PARA X-9

SANTA ROSA



Ilustração de OSWALDO GOELDI

Não te darei lendas nem cantos,
Nem mesmo um riso de perdão:
Venho da noite cega de espantos
E trago os uivos da solidão.

Dos altos muros indiferentes,
Lentos caminhos, longas ladeiras,
Chegava um como ranger de dentes,
Sôpro de lívidas fronteiras

Moças de branco, desacordadas,
Corpos macios, de estranha graça...
E sempre os ventos pelas estradas
Por onde um morto sonhando passa.

Ai! a vertigem dos calafrios,
Chôros, lamentos, nos exorcismos,
Até o fogo tinha arrepios
— Hálito espesso dos abismos

Noites caíam desesperadas,
Grávidas, densas, nas cordilheiras,
Ninguém sabia de quais estradas
Crescia a insânia das fogueiras.

Eram pandeiros marcando o passo
De sombras ruivas de mãos enormes
Longínquos rios de cansaço,
Aves pernaltas, rostos informes.

E sobre a dança noturna, a dança
Quase irreal,
Havia um corpo de criança
Como jamais não vi igual.

Quis embalá-lo, para esquecer-me.
Mas das cidades já soterradas
Chegaram músicas danadas,
(Fogo do inferno) iam colher-me.

Fugi de mim para os retiros,
Sitios marcados de ventanias,
Sitios, soluços, uivos, suspiros,
Suor de sangue das agonias...

E os céus penosos, brancos, aflitos,
Feitos de súplicas ardentes!
Livra-te ao menos de tantos gritos,
Ranger de dentes, ranger de dentes!

No turbilhão político o pro-fosse não estaria sendo ocupado blema das artes se encontra esquecido. As mãos personalistas do pintor Oswaldo Teixeira, entravaram a mostra de arte mais importante do país, na qual se representavam num panorama amplo todas as tendências da arte brasileira. Com o apoio obscuro do Ministro da Educação (?) ficam assim prejudicados no ano da Vitória os artistas plásticos, esperanças de encontrar nos únicos e poucos prêmios instituídos oficialmente, o meio de alargar a sua cultura, visitando os grandes museus estrangeiros e estudar nesses ambientes ricos de tradição e ensinamentos, os problemas que cruzam o vasto campo da arte atual.

Esse prejuízo avulta quando pensamos que cabe ao Ministério da Educação, o estímulo, a salvaguarda e a recompensa àqueles que lutam no plano intelectual. Ora, se esse alto órgão administrativo se deixa envolver em casos subalternos e adota um "partidarismo" contra os artistas, como não se sentirem desamparados e mesmo lesados em seus mais autênticos direitos?

Essa depressão vem refletir-se no ambiente artístico, quando se trata de qualquer iniciativa oficial, gerando um sentimento de desconfiança e amarga ironia.

Porque não se fez o salão? Porque não se fez o salão?

É estranho que não venha nenhuma resposta a essa pergunta natural, como se o silêncio estivesse o fato mais ridículo e equivocado acontecido entre os escândalos do meio artístico. Esse silêncio faz ressoar com um poder acústico retumbante e funebre as palavras evasivas e inconsequentes dos responsáveis pela estranha burlesca.

É um rumor maior do que o dos plágios e das cópias infelizes. Para essas há o cinismo como uma couraça impermeável, porém, para o outro caso, há o lamentável esbulho de quatro prêmios uteis ao artista pobre que não deseja fazer turismo elegante, porém, capacitar-se mais para a árdua tarefa que tem de enfrentar.

É a primeira vez que se suscita uma crise tamanha e que se abandona a sua solução, havendo os dados mais concretos que facilitaríamos honestamente o desfecho satisfatório para uma classe inteira.

O que não se compreende é que haja a detenção de tanto poder em mãos do Diretor do Museu de Belas Artes. Corresponde esse cargo à maior competência e valor artístico do seu ocupante?

Decerto que não. O cargo poderia mesmo ser entregue a um especialista, não artista. E se assim os brasileiros.

Poemas de Fernando Pessoa

NATAL

Natal... Na província neva,
Nos lares aconchegados,
Um sentimento conserva
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
Como a família é verdade,
Meu pensamento é profundo,
'Stou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
A paisagem que não sei,
Vista de trás da vidraça
Do lar que nunca terei!

EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS

Faz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim, Dobrado e Assombroso,
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu ômbro.

OLHOS MORTOS

Novela de LUCIO CARDOSO

(II)

E QUE a infância também é difícil. Ela guarda os seus segredos e os seus temores; lembra-me que muitas vezes correndo sob as árvores escuras e protetoras, detinha-me de repente, sentindo alguma coisa vir ao meu coração, uma sombra, um pressentimento...

Mas Lídia, voltamos de novo à minha vida junto a você e sua tia: quando regresssei do Sanatório, quando fui devolvido a esse quente país de ternura e sentimento que abandonara há tempo, acreditei estar presenciando um milagre; era extraordinário como a existência podia se modificar ao contacto de uma única pessoa, de uma silhueta adorada e meiga. Quantos anos poderia viver assim, quantas horas poderia acumular umas sobre as outras, tépidas e mansas como um longo rosário de contas brancas? Há no entanto, dentro de nós uma vocação para a desgraça. Não tardou muito que alguma coisa começasse a arder dentro de mim, alguma coisa inquieta e fugitiva, isto que aos meus olhos trouxe a primeira onda de ausência. Estávamos sentados num tronco que a tempestade derrubara numa tarde antiga, e olhávamos a água fugir, tão límpida, tão solene, para o estranho destino onde se abismam todas as águas.

— Escuta, disse você de repente, por que não me conta o que se passa?

— Contar o que? — perguntei eu, estremeando.

E você, tomando a minha mão nas suas, fitou-me com os seus claros olhos azuis. Oh, águas! Sim, falei há pouco sobre águas, mas quem poderá me dizer quantos rios concentrados, quantos rios refletindo o azul ligeiro dos céus, quantas e quantas correntezas acumuladas serão precisas para se extrair as duas gotas quentes, os olhos líquidos e puros como os seus, Lídia, naquela hora esquecida... Jamais, jamais saberemos louvar direito essa maravilha que são os olhos humanos... Nada se compara, nada vive no homem tanto como essas duas gotas iluminadas, nada reflete mais a "prisoneira" que se debate dentro de nós...

E' o seu suspiro, é a sua visão por trás das grades.

Momentaneamente tudo serenava dentro de mim. Por um instante — mas por um instante apenas — a consciência cessava o seu lento trabalho. Uma paz nova, duradoura, parecia suceder ao meu desânimo; e enquanto fitava os seus

olhos, tinha coragem para de novo sonhar com o nosso futuro, na pequena casa que vínhamos há tanto tempo construindo em pensamento, nas flores que você apanharia no jardim quando o vento da manhã soprasse forte nas crianças...

Mas, ai de mim, tudo desaparecia quando suas pálpebras se abaixavam. E voltávamos para casa, mas não mais como antigamente, unidos como pássaros que se recolhem... A ausência continuava a crescer entre nós.

Enquanto sua tia prosseguia o habitual "crochet", folheávamos o álbum de família. Velhas fotografias vinham à luz, parentes desaparecidos há muito, amigos de infância ou desses amigos cujo rastro perdemos. (Flora, Raul, Alberto ou Tereza — nomes que outrora usamos tantas vezes, com carinho e emoção...) cuja memória aos poucos morre em nós e só o retrato fica... antigo testemunho, palavra esquecida antes de ser decifrada, acontecimento sem projecção. Lem-

bra-me particularmente, entre esses retratos, o de uma senhora gorda, vestida em veludo, com uma rosa no seio e um leque nas mãos. "Minha avó" — dizia você. Depois vinha uma rapariga pálida, de tranças negras e oleosas, com um nome escrito por baixo: Jenny. Você informava: "Minha prima, que morreu de meningite". Havia também um senhor com a cartola nas mãos, colete riscado, que era o seu pai. E uma noiva, sorrindo palidamente, com um grande ramo de açucenas nos braços.

E' curioso, pensei que não me lembrasse mais desses detalhes, e no entanto eles afluem à minha memória, vivos, como se ainda compusessem a trama da pobre existência que vivi... Sim, a memória não cessa, agora já não dói, mas não cessa. Ainda aqui, sinto a lembrança da vida dilatar-se em mim, como muito tempo depois a gente se lembra de uma queda ou de uma doença da infância. Prosseguindo na minha história, direi que aquelas fotografias, aque-

las noites, tudo passou a não me interessar mais. Meus olhos se dilatavam cada vez mais sobre o vazio, e uma força estranha me arrebatava àquele mundo carinhoso. Tudo poderia se ter realizado, nossa vida poderia ter sido outra, se o temor em mim não prosseguisse o seu dissolvente trabalho. Como gestos que repetimos sem que signifiquem mais a antiga dádiva de amor, vivia o meu jogo habitual, mas distante cada vez mais distante. Já não se tratava nem mesmo de uma simples ausência, mas uma assistência irritada, triste e desamparada.

Lídia, perdoa-me os excessos daquela época... Perdoa-me as longas pausas entre duas frases banais, perdoa-me o silêncio ante as perguntas, os beijos dados sem amor, os sorrisos velados e os olhares voltados para o céu distante... Perdoa-me tudo o que não pude ter sido, perdôa em nome de tudo o que não podemos ser nunca, ou pela miséria da nossa condição, ou pela debilidade desse pobre coração sacudido por ventos tão contraditórios, ou finalmente por incompreensão de almas que não entendem... Pois as almas também desaprendem, são muitas vezes frágeis e inconsistentes almas, que vibram sozinhas, que só sabem vibrar sozinhas, flôres do silêncio como a de certas plantas do gelo...

(Continua)

DISCUTIR-SE-IA muito menos a essência do que a técnica do romance, se nele procurasse ver antes um objeto de observação do que de definição; em outros termos, se consentíssemos em considerar o encanto romanesco, não como uma variedade de prazer estético, mas como um fenómeno particular. Se a maior parte dos homens se interessa pela narrativa de fatos imaginários a ponto de se deixar absorver por ela, não é, convenhamos, por motivos estritamente literários. Entram em tal "reação" psicológica certos fatores inteiramente diversos dos que se manifestam, por exemplo, ante a leitura de um poema componente ou as palavras rebobantes de um belo discurso.

Admitir um mundo habitado, cuja vida nos apaixonava e do qual estamos, entretanto, ausentes — ou identificarmos com certos personagens inventados, cujo destino substitui inteiramente o nosso — eis as disposições de espírito singulares, cuja explicação quase não comporta elementos racionais e que o filósofo não pôde constatar, senão fora de toda teoria do belo. A prova é que esse imperio da imaginação, essa invasão da alma por uma vida poética realiza-se independente de qualquer dado estético de maneira que somos empolgados por tal romance, que sabemos mal feito e não o somos por outro, cuja beleza ninguém põe em dúvida. Os "Misterios de Paris" empolgam-nos e o mesmo não acontece com a Volupté". Nossa personalidade se apaga diante do "Monte Cristo" e permanece intacta quando aparece "Sylvie".

Somos conduzidos, por uma via dedutiva, a conceber uma propriedade do romance à qual se ligarão os fenómenos de encantamento e abstração do leitor, propriedade que praticamente não podemos analisar, reconhecendo-a somente pelos defeitos. Há narrativas de várias personagens e em prosa que continuam sendo admiráveis, embora destituídas dessa propriedade; mas acontece que a capacidade emocional dessas

obras primas inertes é muito menor do que a das outras.

Na realidade, não há comparação possível: o romance puro ou "romance-romance", age de maneira bem diversa da do "romance-literatura". Este pertence ao que chamamos de belas-letras; aquele participa, por assim dizer, da magia, como o sonho e o hipnotismo. E imediatamente concluímos que todos os grandes romancistas fizeram por instinto, ou de maneira consciente, "romance-romance". Parece-me que a força da imaginação, o dom de evocar figuras e acontecimentos manifesta-se necessariamente sob a forma de encantamento. Personagens e aventuras nascidas do cérebro de romancistas autênticos conseguem eclipsar a realidade; o leitor, de boa vontade, deixa tudo e a si mesmo, para segui-los. O romance-literatura retoma seus direitos na hora da crítica, quando a narrativa do romance puro cessou de impor o seu prestígio. O arrebatamento do autor pode, então transformar-se em mau humor, quando vem ele perceber os sofismas grosseiros que o suggestionaram. Ao menos, que, ao contrário, a beleza literária se alie ao encanto irresistível. Nada mais belo do que um romance poderosamente magico, no qual se reconhece, ao mesmo tempo, uma obra de arte.

O romance puro é uma coisa muito recente apesar das diversas prefigurações do genero que podemos assinalar. Somente de uns duzentos anos para cá começamos a dar atenção às suas extraordinárias virtudes. Também o domínio por ele explorado até aqui tem sido estreito. Sua audácia re-

traiu-se, mesmo, depois de certas experiências infelizes do romance suprarrealista. Teoricamente, pode-se perfeitamente tentar produzir fenómenos romanescos numa narrativa, com personagens evoluindo numa atmosfera de sonho desperto ou no subconsciente. Na pratica, porém, não se produz nada e a história suprarrealista se desenha como por detrás de uma vitrina. E isso vem, na minha opinião, de um defeito de método. Primeiramente, o romance suprarrealista, em que o autor não procura outra coisa senão fixar suas alucinações, deixa ver um intuito deliberado que, por assim dizer o desencanta. Além disso essa espécie de romance resente-se da falta de gradações. Somos lançados na realidade onírica como uma criança na água sem lugar de passarmos por sutis transições, por dosagens progressivas.

A experiência prova que o início de um romance necessita de uma certa intensidade de magia, mas não muita. É preciso partir de um plano determinado, que não seja o da realidade sensível, mas que dele não esteja muito afastado. E a partir desse momento toda mudança de plano; todas as variações de elementos "reais" exigem precauções analogas, que não se exprimem por uma lei de continuidade mas por uma bem regulada alternância. Em outras palavras em todo romance puro o "depaysement" do leitor não deve ser produzido senão por uma serie de gradações. O exemplo mais instrutivo a esse respeito pode ser encontrado nas "Aventuras de Gordon Dym" de Poe. Esse romance de qua-

trocentas paginas consiste numa lenta escalada do inconsciente. Partindo de um ponto vizinho da realidade vulgar, o leitor é levado, pouco a pouco, em pequenos saltos, a um mundo de sonhos e o autor se esquia ainda, como um malicioso genio condutor, levando-nos a medir com estupor a altura vertiginosa da ascensão. Mas não se devem tirar do romance de Poe lições muito diretas e identificar, por exemplo, o fim do romance suprarreal com o simples fantastico, que não constitui senão um dos seus aspectos. Uma das descobertas mais preciosas do romance moderno é, ao contrario, o segredo de uma magia interior, graças à qual torna-se possível conceber um mundo romanesco, maravilhoso e familiar, ao mesmo tempo. Certa maneira de descrever as pessoas e as coisas, sem lhes emprestar outro aspecto senão o que apresentam habitualmente recuam-nas, no entanto, para o plano de uma realidade esotérica. Técnica particularmente comoda, porque favorece o "depaysement" do leitor, conservando validos em todos os planos do mundo romanesco os processos narrativos. É assim no mesmo tom que se nararam as aventuras de "Alice no país das maravilhas" e a crônica de Carlos VII.

Os "desenhos" dos romances qualquer que seja a realidade em que se desenrolem são não identicos pelo menos parciais. Então, que chamaremos nós de romance poetico?

Uma narrativa de algum folio produzido o encantamento romanesco por meio de uma mudança de plano o que quer dizer: passando por algum pon-

to exterior da realidade corrente. A poesia surgirá aqui do uma variação do grau de realidade; será essencialmente uma questão de atmosfera. Não se trata, pois, de poesia "no" romance, mas de poesia "do" romance distinguindo muito importante e significativa.

Os malentendidos são frequentes no assunto. Para muitos escritores a faculdade poética confunde-se com o dom de evocar imagens. Quando se trata de romance não há de propriamente poetico senão a substancia romanesca: personagens, aventura, atmosfera. A experiência prova: é possível, com instrumentos puramente narrativos criar essa comunicação de todas as partes da alma. "Tudo está numa certa maneira de contar certas coisas". Lembremo-nos de que há muito poucas imagens no estilo do "Gran Meaulnes".

O romancista Balzac antes da "Comédia Humana"

Os primeiros romances de Balzac não anunciavam a força e a grandza da "Comédia Humana", embora André Bellessort, no seu "Balzac" já queira ver neles as idéias politicas e religiosas que se desprendem de toda obra do prodigioso romancista. Pouca gente conhece esses livros que há muito tempo não se reeditam. São eles "2" Heritière de Birague", "2" Israelite", "Le Centenaire", romances fantasticos e "Le Vicaire des Ardennes" e "Argow, de Pirate", que se encartam no genero "roman-noir", em que triunfava na época a escritora inglesa, Ann Radcliffe.

Que valem esses romances de Balzac? — interroga Bellessort. E ele próprio responde: Valem mais do que os que se publicavam na época. Paulo Ronai defendeu tese na Faculdade de Letras de Paris sobre essa obra balzaquiãna pré "Comédia Humana".

SEU Januário era alto, forte, usava um bigode grisalho, de guias longas, retorcidas à maneira altiva dos espadachins. Possuía uma fazenda de criação de gado, e era muito amigo de meu pai. Vinha frequentemente visitar-nos, montado num grande e fogoso cavalo branco, que me deixava extasiado, com sua crina farta e ondulante, a cauda quase arrastando pelo chão, os arreios de couro fino, cheios de metais cintilantes. Seu Januário apçava no terreiro, enfiava pela casa a dentro, batendo o rêlho nos portais, a gritar pelos de casa, num vozeirão de barítono. Sentava-se na sala, abanando o rosto vermelho com o chapéu de abas largas, e ficava um tempo enorme conversando, falando dos rebanhos, que aumentavam a olhos vistos, de sujeitos endinheirados que queriam comprar a fazenda — "mas êle não vendia não, que aquilo ainda seria uma mina de ouro, haviam de ver". E tomava o café com bolinhos de tapioca, feitos especialmente para êle por Mariana, chupando depois compridos cigarros de palha, que êle mesmo preparava com fumo de rôlo picado a canivete.

Encostado ao portal da cozinha, eu olhava o meu ídolo, com grande respeito, detalhava-lhe o vestuário, pasmava para as botas reluzentes, de cano alto, as esporas rebrilhantes, o rêlho, grosso e pesado, de cabo de prata lavrada. Apenas um detalhe destoava, na minha opinião de ano: Seu Januário vestia culotes comuns, como qualquer cavalheiro elegante de clube hípico. Só lhe faltavam uma calças de couro para ficar exatamente igual a um "cow-boy" como os do cinema. Sim, e uma pistola também. Perdia-me facilmente no devaneio, a voz estrondante de Seu Januário dava corda à minha imaginação. Via-o de revólver em punho, dando tiros na estrada poeirenta, galopando em seu branco corcel no encalço dos ladrões de gado. Parecia-me perfeitamente capaz de repetir tôdas aquelas proezas que me eletrizavam, sacudido pelo entusiasmo, enquanto os cavaleiros galopavam na tela e a garotada aplaudia aos berros. O cinema era a minha grande paixão daquele tempo, amor fiel, que satisfazia a todos os meus sonhos. No cinema da vila, acompanhava as séries interminavelmente misteriosas, sem perder nenhum episódio — pílula de emoção semanal. Mariana era quem me levava ao cinema, cochilando placidamente durante toda a sessão, e acordando com sustos periódicos, nos momentos em que os murros do herói desencadeavam a tempestade de gritos

Trecho de infância

Conto de JORGE MOREIRA NUNES

(Classificado no grande concurso de "Letras e Artes")

e assobios no salão apinhado. Mariana não gostava daquelas fitas. A melhor, na sua opinião, era uma que tinham feito com "A Cabana do Pai Tomaz".

— Aquilo é que é fita boa, José. A gente chega a chorar, mesmo sem querer, de tão triste que é.

Eu franzia o nariz. Fitas, para mim, só as de Tom Mix e Buck Jones, com muita pancadaria, e sem bobagens de beijos nem de chôro. À noite, pensava em Seu Januário, fantasiava tiroteios e correrias, sonhava com o "Fantasma Verde", avançando para a cama no negrume do quarto, um arco enristado, pronto para disparar contra mim uma flexada. Um dia — dia soberbo! — Seu Januário trouxe-me de presente um magnífico revólver de espoleta, todo niquelado, que dava tiros tão estrepitosos que pareciam mesmo de verdade. Como Seu Januário já me prometera também um cavalo, sentime mais ou menos completo em meus sonhos aventureiros. Ia para o fundo do quintal, deitava-

me no capim fresco e macio, fechava os olhos à modorra — e logo o "Tufão" aparecia, ora branco de neve, ora negro e luzidio. Conversávamos, sim senhores. Fazia-lhe uma porção de perguntas: se havia achado bom o milho, por onde tinha andado pastando, se os arreios não o machucavam. Depois montava, num salto arrojado, fazia-o empinar-se, ficava de pé na sela, pulava para cá e para lá. E as galopadas, as ferozes e intermináveis galopadas, pelos caminhos pacatos, transformados em perigosas veredas de "far-west"...? Via-me, nitidamente, a cabeça afogada no chapeirão de vaqueiro, as pernas metidas em imensas bombachas, que me pareciam a última palavra de elegância, de botas e esporas, escanchado no lombo do "Tufão". Nuvens, densas nuvens de poeira sufocante ficavam para traz. Os cascos batiam forte na estrada, e a chibata cantava na garupa do ardente corredor.

"Tufão" não respeitava obstáculos: fossos enormes eram transpostos de

salto, barreiras descidas às escorregadelas, rios perigosos atravessados a nado, bem pelo centro da correnteza — e eu em cima, firme, direito na sela. "Tufão" pulava brincando a cêrca do rancho (para que perder tempo abrindo a porteira?), eu o fazia estacar de golpe e descia, num salto. O rancho era da mocinha, e a mocinha era Maria Luiza. Puxava o revólver e subia os degraus do alpendre, gritando:

— Onde está êsse bandido? Se é homem, venha cá p'ra fora! (O bandido era João Pedro).

Maria Luiza desempenhava sua parte a contento. Abria a porta e surgia, torcendo as mãos de desespero:

— Pelo amor de Deus, seu mocinho! Êle matou meu pai e roubou todo ouro!

Penalizado e vingativo, dava-lhe eu um abraço de pesames, soltava um tiro para desemperrar a arma e montava de novo, sem perder tempo em conversa.

— P'ra que lado êle foi? P'ra lá...? Pois pode ficar descansada, dona mocinha. Êle não foge não. Meu cavalo é muito melhor do que o dêle. Vou pegar e dar uma facada — uma facada, não — um tiro. Fique sossegada, volto já, dona mocinha. Adeus!

Saltava de novo a cêrca e saía tirando fogo da estrada. (Mariana aparecia na porta da cozinha, bracejava, chamando-me para o almoço).

Sentava-me na mesa e espantava João Pedro:

— Deixa estar, que amanhã tu não me escapas.

Escapou sim. Eu é que não escapei à malícia com que usa a humanidade cobrir nossos pobres sonhos de glória. Levados pela indiscreção familiar, meus atos de heroísmo acabaram por cair na boca venenosa do mundo, que entrou a ferir meu amor próprio com os dardos do ridículo.

Uma tarde, à saída da escola, peguei-me com dois moleques que me debicavam. Era dois, mas eu era forte. Atracamo-nos ali mesmo, em plena rua, e logo não eramos mais do que um monte de carne furiosa a rolar pela poeira, num frenético enroscamento de braços e pernas, de onde saíam ruidos de sopapos e gemidos. O caixa do banco, um senhor de óculos, grave e gordo, separou-nos custosamente, sacudiu-nos, ameaçou chamar a polícia. Os dois fugiram. Peguei a mala e fui andando aos tropeços, a canela doendo de um pontapé, cego de raiva. Cheguei em casa amarrado, a roupa rasgada, um galo enorme a latejar na testa, o cérebro arranhado pela primeira dúvida quanto à minha vocação para matamouros. Tive um trabalho dos diabos para explicar o caso às autoridades domésticas. Sapecaram-me a perna com iodo, espremeram-me a testa com a lâmina de uma faca, remédio doloroso, mas excelente para fazer baixar os galos. Por cima de tudo, meu pai passou-me um castigo, linhas para copiar de um livro de leitura. Dormi naquela noite com a alma afogada em despeito, rancor e desilusão.

Mas Seu Januário apareceu no dia seguinte, pela manhã, como se adivinhasse os dissabores por que passava o discípulo. Agarrou-me, meteu-me pela alma a dentro o brilho consolador de seus olhos cheios de compreensão. E sua gargalhada de trovão rebocou aprovadamente pela casa, quando, movendo os braços em gestos ferozes, jurei vingança contra os meus inimigos...

— Bravos! Assim é que fala um homem de verdade!

O elogio do meu herói reconciliou-me com a vida e com o sonho.



CONFERENCIA DO PADRE LEONEL FRANCA — Realizou-se na quarta-feira passada, no Ilamarati, a conferência do padre Leonel Franca patrocinada pelo Instituto Inter-Aliado de Alta Cultura. O conferencista, que é uma das figuras mais importantes de nosso panorama cultural, falou sobre "Os novos rumos da Democracia", tendo-se destacado pela clareza de seus conceitos e pela riqueza dos conhecimentos sociológicos e políticos que abordou. A sessão foi presidida por Dom Carmelo Costa, cardeal de São Paulo, tendo participado da mesa os professores Pedro Odmon e Raul Leirão da Cunha, e outras personalidades. Nos fragmentos acima, vemos o Padre Leonel Franca quando pronunciava a sua conferência, e um aspecto da assistência.

diário

20

São Paulo, 25 de janeiro de 1945

Com o seu aspecto antes de um humilde Padre de província ou de um modesto comerciante — manso, pachorrento, risão e bom — Astrojildo Pereira é nos meios intelectuais do país uma das figuras mais importantes. Escreve pouco. Quando escreve, porém, seus trabalhos são discutidos e acatados.

Há muito tempo que o tenho no ról da minha estima e admiração. Sempre desejei conhecer fatos de sua vida agitada e digna. Sabia que era um dos poucos brasileiros que estiveram com Stalin.

Ontem, depois de uma sessão do Congresso de Escritores, saímos a passear pelas ruas de São Paulo. E aqui deixo estas simples notas, colhidas desprezenciosamente numa conversa, ocasião que o escritor Astrojildo jamais supôs viesse a ser motivo de fuxicos literários.

Estamos na Praça da Sé. Astrojildo mostra-me um velho edifício de três andares, e me diz: "Ali trabalhei n'A Lanterna, um dos primeiros jornais que se bateram pelos direitos dos trabalhadores"

Tendo a conversa tomado um rumo inesperado, que me levava a pontos ansiosamente aguardados, comecei a fazer indagações, perguntando-lhe quando se manifestou nêle o seu primeiro anseio revolucionário. Astrojildo sorriu e me conta, naquela sua voz mansa e pausada, os começos de sua vida atribulada. E, remonta à sua meninice. Garoto de nove anos, estava em Rio Bonito, Estado do Rio, quando a população daquela cidade se revoltou contra uma decisão da Leopoldina. A coisa chegou a tal ponto que quase toda a população daquela cidade compareceu à estação e, num movimento coletivo, incendiou-a, depredando todos os carros e locomotivas.

O aspecto dessa revolta o impressionou grandemente. Depois, estudante do Colégio Anchieta, ouvia todas as noites o Padre ler para os alunos os telegramas publicados no "Jornal de Comércio" sobre a guerra russo-japonesa. Formaram-se dois partidos. Ele, Astrojildo, ficara de lado dos russos. E' daí que começa a sua admiração por esse país. Em 1909 foi um civilista exaltado, não perdendo discursos de Rui Barbosa. Os seus entusiasmos pelo grande brasileiro levaram-no a empurrar o carro do conselheiro na rua São Clemente. Com o espetáculo político, com a derrota de Rui, Astrojildo ficou desarvorado, desiludido dos nossos processos políticos. Em 1910 seu pai trouxe de São Paulo o jornal "Terra Livre". Ao ler aquele pequenino jornal, Astrojildo pensou ter encontrado um novo rumo para a sua vida. Nesse mesmo ano de 1910 tornara-se anarquista ferrenho, e daí por diante sua vida foi um conspirar sem fim. Esteve na Argentina e em várias capitais da Europa.

Eis aí um homem que desde a sua juventude vem trabalhando pelos ideais que abraçou e que, mesmo entre seus adversários políticos, tem seu nome respeitado e altamente admirado.

OS ARQUIVOS IMPLACAVEIS

De João Condé

"Se um dia eu rasgasse os meus versos por desencanto ou nojo da poesia, não estaria certo da sua extinção: restariam os arquivos implacáveis de João Condé". — Carlos Drummond de Andrade.

"Um punhado de trovas" Adelmar Tavares

*Um punhado de trovas.
(Adelmar Tavares.)*

*Vim por todo meu destino,
E esta minha alma de poeta,
Correndo, como um menino,
Atrás de uma borboleta....*

*Tu vais passando orgulhosa.
Nunca vi soberba assim.
Ai de ti, por tanto orgulho!...
Por tanto amar-te, ai de mim!*

*Se eu pintasse minha infancia,
Pintava: — num sol de estio,
A sombra de uma ingaseira
Debruçada sobre um rio...*

*Se alguém me pedisse, um dia,
Retrato da Ingratidão,
Mandaria teu retrato,
Como obra de perfeição.*

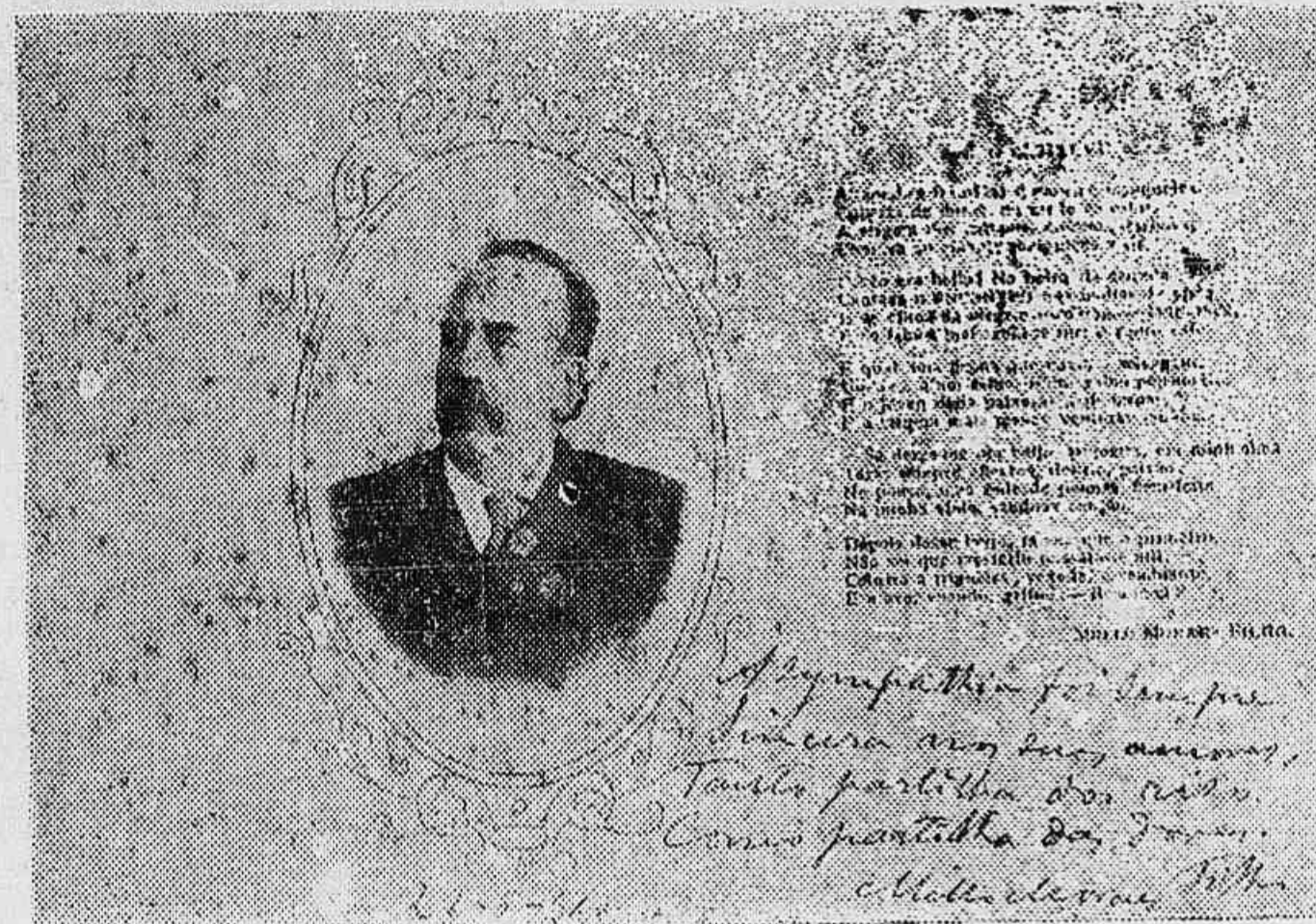
VIM POR TODO MEU DESTINO
E A ESTA MINHA ALMA DE POETA
CORRENDO, COMO UM MENINO,
ATRAS DE UMA BORBOLETA...

TU VAIS PASSANDO ORGULHOSA.
NUNCA VI SOBERBA ASSIM.
AI DE TI, POR TANTO ORGULHO!...
POR TANTO AMAR-TE AI DE MIM!...

SE EU PINTASSE MINHA INFANCIA
PINTAVA: — NUM SOL DE ESTIO,
A SOMBRA DE UMA INGASEIRA
DEBRUCADA SOBRE UM RIO...

SE ALGUÉM ME PEDISSE, UM DIA,
RETRATO DA INGRATIDÃO,
MANDARIA TEU RETRATO,
COMO OBRA DE PERFEIÇÃO...

CARTÃO POSTAL COM UMA QUADRA DE MELLO MORAES FILHO



A SIMPATIA FOI SEMPRE SINCERA NOS SEUS AMORES, TANTO PARTILHA DOS RISOS COMO PARTILHA DAS DORES

MELO MORAIS FILHO

Album de família



Fotografia de SERGIO MILLIET, aos 24 anos de idade, com uma dedicatória a Osvald de Andrade

Autógrafos de Contistas

J. Guimarães Aguiar
Reisenthal
Amélia Romão de Hollander
Luiz Jardim
Osvaldo Alves
Marcelo Rubens
Luiz Carlos
Luiz Carlos Dutra
Antônio Lobato
Luiz Carlos
Bruno Accioly



Ilustração de R. BURLE-MARX

MARIA PERDIDA

PONTES DE PAULA LIMA

Os pés do último nadador moveram docemente as águas da piscina, que não mais refletiam o horrível sol da manhã, mas ondulavam sob a luminosa sombra, como se algo cinzento, uma luz, um véu talvez, cobrisse o céu azul — um ténue véu cinzento, cortado por intermitentes faixas brancas, líquidas, suavemente reluzindo.

Na segurança desse esmaecer das coisas agressivas, ela deixava o corpo e os cabelos abandonados, cerrando os olhos sobre um pensamento — um só, qualquer que ele fosse — no qual seu espírito se estendia, imitando o corpo sobre as águas esquecidas.

Em tórno, a grama, o cinzento-branco do cimento, o cinzento-azul do céu, as sombras quase douradas na distância mais perdida, protegiam silenciosamente, cúmplice, a solidão que ela buscava e

por longos momentos encontrava nesse mundo. Um ponto branco podia tanto pertencer ao céu, como às paredes pouco distantes da séde do clube. Apenas a água era calma e evidente, fria e sem limites, apoiando-lhe o corpo e cedendo com humildade à força dos seus menores movimentos. Era doce, doce ficar assim, era quase um consólio, seus olhos se enchiam de lágrimas, pura felicidade, maravilhosa alegria.

Sempre, sempre fugira, sempre esbarrara com o mundo dos outros, com as vibrantes coisas que a cercavam na casa. Com os gritos que a faziam gritar

também, com o riso que ela buscava imitar. Oscilando sobre uma palavra pensada, infinitamente protegida pelas águas e pela ausência dos outros, ela podia sorrir, fechando os olhos ou abrí-los deslumbrada para espiar o silêncio. Um pássaro, bem alto, espichava a distância, desaparecia num instante, enquanto as sombras continuavam e, embora escurecendo-se cada vez mais, nunca se transmudavam, de repente traíndo a sua entrega total, ferindo-a, sem consciência do horror que representam as traições. As cinco horas da tarde encontrava fidelidade nas águas da piscina e

tôda tarde se dispunha a morrer antes que viesse o inevitável estranho, o apêlo irresponsível, a ordem dos homens.

— “Vamos embora, maluca! Fica dormindo aí dentro d’água até pegar pneumonia!”

E tudo deixava de existir que não fosse o terror da renúncia, o pavoroso arrepio da desistência percorrendo-lhe o corpo, o ódio instantâneo perdido imediatamente na certeza da derrota, na aceitação no antigo inevitável.

Às vezes gritava feito uma louca dentro d’água, para que as pessoas não ouvissem, não invadissem por aquela porta seu mun-

do esfacelado mas possivelmente reconstituível. Depois nadava rapidamente e fugia para o vestiário, entregando-se ao automóvel como alguém que tivesse morrido.

Uma noite viria — quando as trevas fossem inevitáveis e a distância invencível, quando ninguém pudesse bordejar a piscina fantástica e a morte esperasse misteriosamente rica, profunda nas águas negras. As paredes teriam desaparecido e as nefandas bolas azuis, vermelhas, côr de chama, estariam para sempre guardadas. Ninguém se aproximaria então. As águas negras se perderiam em negras águas de oceanos e as distâncias docemente lhe estraçalhariam o corpo, sem que ela o sentisse muito, sem que nunca mais ela ouvisse vozes, gritos, solicitações apelos.

Pontes de Paula Lima
Março, 1946.

— afirmava o orador — com uma capacidade extraordinária da qual poderia dar pronta demonstração.

★ Uma confissão de Balzac

Os Irmãos Goncourt, no seu “Journal” contam que Balzac dissera, certa vez, a Gavarni:

— Eu quizera, algum dia, ter um nome tão conhecido tão popular, tão celebre tão glorioso, e fim o que me autorizasse a... em alguém (aqui um verbo que a decência nos manda não escrever), sem que esse alguém protestasse, achando isso perfeitamente natural...”

★ As dificuldades financeiras de Lamartine

Para não morrer de fome Lamartine publicava o seu “Curso Familiar de Literatura” em fascículos, que não se vendiam muito. E A. Karr protestava contra a penúria em que morria o homem que, em dias de tumulto revolucionário salvara a ordem e a propriedade.

curiosidades literárias

★ Estruturas filosóficas

“A filosofia metafísica alemã — diz João Caspar Simões — gerou o romantismo; o positivismo francês produziu o realismo; o cartesianismo impulsionou o romance de análise; romance psicológico é filho do “mundo como vontade e representação”, de Schopenhauer; o impressionismo filia-se em Bergson; o romance sintético ou neo-realista baseia-se no materialismo humanitário”.

★ Um conselho de Julio Ribeiro

Julio Ribeiro, informa um seu ex-aluno, em artigo de Godofredo Rangel, costumava dizer aos discípulos:

— Andem sempre com um pequeno livro no bolso, para aproveitarem o tempo que se perde em esperas de bonde, de trem de ferro e coisas semelhantes”.

★ Lawrence e o mistério

“O dom especial e característico de D. H. Lawrence — diz Aldous Huxley — foi uma sensi-

bilidade extraordinária para o que Wordsworth chamava “modos desconhecidos de ser”. Teve sempre uma profunda consciência do mistério do mundo; o mistério foi sempre para ele divino”.

★ As preferências de Selma Lagerlof

Interrogada sobre sua virtude preferida, Selma Lagerlof respondeu: “A misericórdia”. Sobre a qualidade que prefere no homem: “A seriedade e a profundidade de espírito”. Sobre aquilo que lhe parecia a maior felicidade no mundo: “A fé em si mesmo”.

★ Dumas contra Buloz

Alexandre Dumas, Pae, tendo se indisposto com Buloz, diretor da “Revue des Deux Mondes” jurou não escrever durante um ano, uma só carta sem alguma coisa desa-

gradável sobre o mesmo. E começou assim, frequentemente, nesse ano, suas cartas: “Meu caro, você que é tão superior a esse imbecil de Buloz compreenderá...”

★ Bilac e os livros

“Um verdadeiro bibliófilo é sempre um bom homem e um amigo de tôdas as coisas boas e belas. Amar os livros é como as flores: é amar tudo que perfuma e encanta a vida”.

(De um discurso de Bilac a Alfredo Pujol em 1918).

★ Ruas de Londres

Há em Londres vinte e cinco ruas e avenidas com o nome de Milton, o poeta do “Pariso Perdido”; oito com o nome de Byron; sete com o de Ruskin e apenas seis com o de Shakespeare e Chaucer. Mas essa identidade de nomes deve causar grande trans-

torno aos moradores e aos carteiros.

★ Prognóstico não confirmado

Noticiando o aparecimento do romance “Resignação” de Paulo Magalhães, o crítico da “Revista do Brasil”, no número de abril de 1921, depois de apontar os defeitos da obra escrevia: “Contudo, quem vos dirá que Paulo Magalhães não será um grande romancista?”

Como se vê, os fatos não confirmaram o prognóstico.

★ Poeta e diretor de empresa de navegação

Numa conferência sobre Vicente de Carvalho, Sampaio Freire afirmava que o poeta, além de juiz modelar era diretor de uma empresa de navegação, dirigindo-a

Letras e Artes

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 10 DE NOVEMBRO DE 1946

OS GRANDES SONETISTAS DA LINGUA PORTUGUESA

DESPONDENCY

ANTERO DE QUENTAL

1842 - 1891

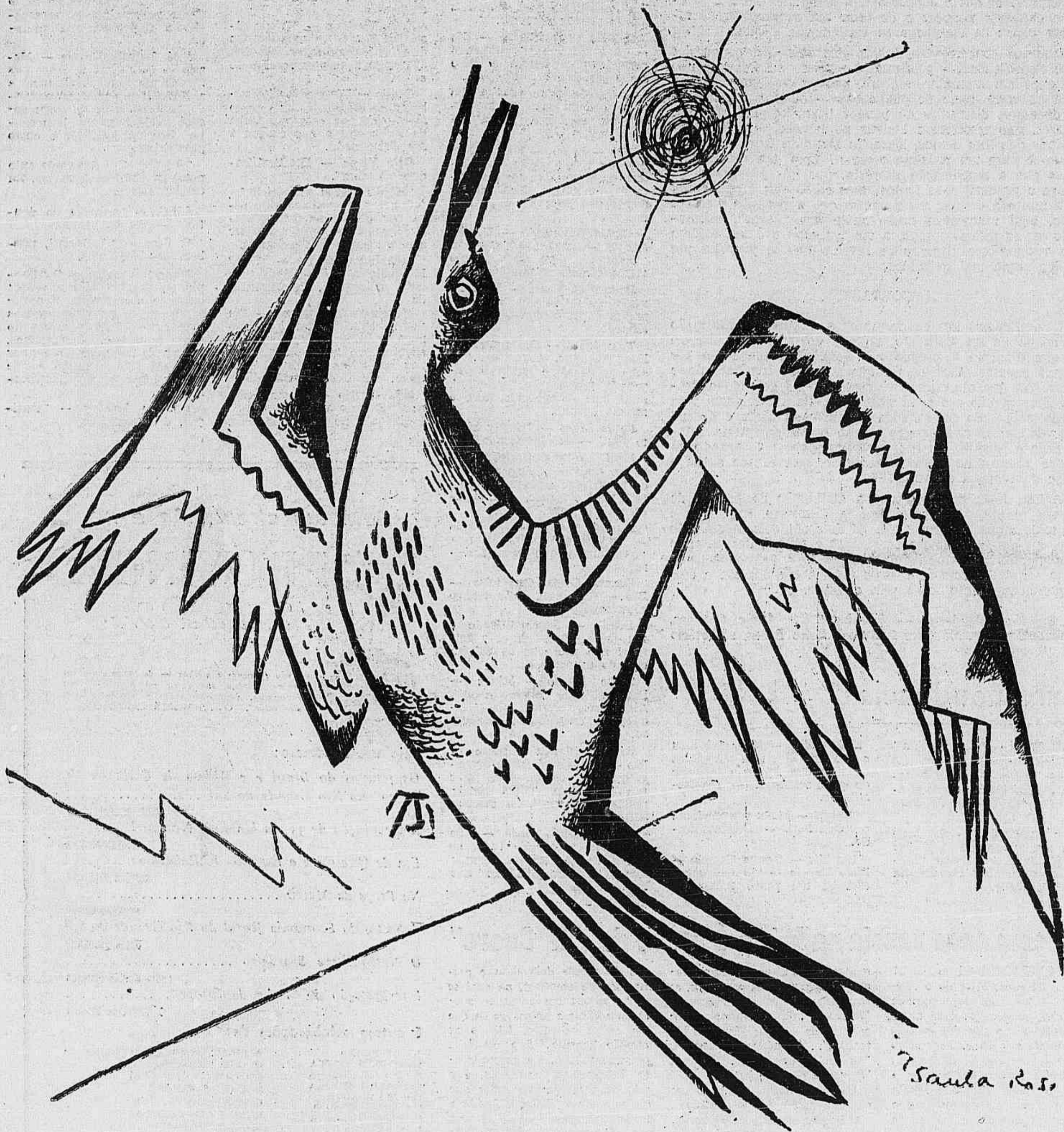


Ilustração de SANTA ROSA

DEIXÁ-LA IR, A AVE, A QUEM ROUBARAM
NINHO E FILHOS E TUDO, SEM PIEDADE.
QUE A LEVE O AR SEM FIM DA SOLEDADE
ONDE AS ASAS PARTIDAS A LEVARAM...

DEIXÁ-LA IR, A VELA, QUE ARROJARAM
OS TUFÕES PELO MAR, NA ESCURIDADE,
QUANDO A NOITE SURTIU DA IMENSIDADE,
QUANDO OS VENTOS DO SUL SE LEVANTARAM...

DEIXÁ-LA IR, A ALMA LASTIMOSA,
QUE PERDEU FÉ E PAZ E CONFIANÇA,
À MORTE QUEDA, À MORTE SILENCIOSA...

DEIXÁ-LA IR, A NOTA DESPRENDIDA
DUM CANTO EXTREMO... E A ÚLTIMA ESPERANÇA...
E A VIDA... E O AMOR... DEIXÁ-LA IR A VIDA!